

**O MEDO DOS MUÇULMANOS: O INÓSPITO
ESPAÇO PARA MIGRANTES**

***EL MIEDO DE LOS MUSULMANES: EL ESPACIO
SOCIAL INHÓSPITO PARA LOS MIGRANTES***

***THE FEAR OF MUSLIMS: THE INHOSPITABLE
SOCIAL SPACE FOR MIGRANTS***

*Felipe Freitas de SOUZA**

RESUMO: O espaço social contemporâneo nas grandes cidades ocidentais recebe muçulmanos que estão em situação de refúgio e migração. Junto às transformações globais acarretadas por diferentes dinâmicas, a islamofobia surge enquanto discurso e prática sobre essas populações. Neste artigo, objetiva-se discutir as representações sobre os muçulmanos em situação de refúgio tomando-se como representativos quatro eventos recentes na década de 2010 envolvendo a direita e a extrema direita: o atentado de Anders Breivik na Noruega; a manifestação do grupo Direita São Paulo na capital do estado; a manifestação do grupo Geração de Mártires no Rio de Janeiro; e o atentado terrorista contra uma mesquita na cidade de Christchurch, na Nova Zelândia. Indicamos a internet enquanto meio de projeção dos discursos anti-Islam e anti-refugiados. Concluimos que a islamofobia, enquanto mentalidade, deve ser problematizada, uma vez que a xenofobia acerca dos muçulmanos é socialmente estimulada mais do que resultante exclusivamente de processos psicológicos individuais.

PALAVRAS-CHAVE: Islamofobia. Xenofobia. Extrema Direita. Espaço Público.

* Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara – (UNESP), Araraquara – SP – Brasil. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7046-5714>. E-mail: felipefdes@gmail.com.

RESUMEN: *El espacio social contemporáneo de las grandes ciudades occidentales acoge a los musulmanes que se encuentran en situación de refugio y migración. Junto con las transformaciones globales provocadas por diferentes dinámicas, la islamofobia emerge como un discurso y una práctica sobre estas poblaciones. En este artículo, nos proponemos discutir las representaciones de los musulmanes en situación de refugio tomando como representativos cuatro acontecimientos recientes de la década de 2010 que involucran a la derecha y a la extrema derecha: el atentado de Anders Breivik en Noruega, la manifestación del grupo Direita São Paulo en la capital del estado, la manifestación del grupo Geração de Mártires en Río de Janeiro, y el ataque terrorista contra una mezquita en la ciudad de Christchurch, Nueva Zelanda. Señalamos a Internet como medio de proyección de los discursos antiislámicos y antirrefugiados. Concluimos que la islamofobia, como mentalidad, debe ser problematizada, ya que la xenofobia sobre los musulmanes es estimulada socialmente y no resulta exclusivamente de procesos psicológicos individuales.*

PALABRAS CLAVE: *Islamofobia. Xenofobia. Extrema derecha. El espacio público.*

ABSTRACT: *The contemporary social space in large western cities accepts Muslims who are in a refugee situation or migration. Along with the global transformations brought about by different dynamics, Islamophobia arises as a discourse and practice about these populations. The aim of this article is to discuss representations about Muslims in a situation of refuge taking four recent events in the decade of 2010 involving the right and the extreme right as representative: the attack by Anders Breivik in Norway; the demonstration of the Direita São Paulo group in the state capital; the demonstration of the Geração de Mártires group in Rio de Janeiro; and the terrorist attack on a mosque in Christchurch, New Zealand. We point the internet as a means of projecting anti-Islam and anti-refugee discourses. We conclude that Islamophobia, as a mentality, must be problematized, since xenophobia towards Muslims is socially stimulated rather than resulting exclusively from psychological processes.*

KEYWORDS: *Islamophobia. Xenophobia. Extreme Right. Public space.*

Introdução

O espaço social e o tempo histórico sofreram impactos inegáveis a partir da década de 1980, principalmente devido à questão tecnológica. Tal diagnóstico

é apresentado por Castells (2013), que identifica a emergência de uma sociedade urbanizada, em rede, altamente impactada pelos processos econômicos, políticos e culturais advindos das mudanças tecnológicas e técnicas. As cidades passam a sofrer modificações no tempo presente, permeadas que são pela comunicação que a internet proporciona e pelos impactos da comunicação em massa, pela conexão proporcionada pelos aeroportos e empresas multinacionais, pelos processos migratórios e de refúgio.

O palco dessas ações contrárias aos migrantes, sejam os que já se encontram no país, sejam os que estão em vias de chegar, são, principalmente, as cidades. A cidade é o espaço onde múltiplas temporalidades e, portanto, diferentes concepções de mundo se desenvolvem umas perante as outras (SANTOS, 2002). A socióloga Saskia Sassen (1999) indica a existência de uma relação dialética entre imigrantes e cidadãos: será do Sul do mundo que surgirão levas de refugiados para as cidades dos países previamente colonizadores. A presença de tais refugiados será questionada em algumas situações, levando mesmo ao não reconhecimento dessas pessoas enquanto seres de direito. Casanova (2007) ressalta que as populações migrantes, participando de formas distintas do espaço público, levarão a diferentes percepções dos autóctones perante elas: o que há em comum nos casos apontados pelo autor é que tais populações trazem comumente outras etnias, religiões e costumes, o que engendra reações e representações, muitas vezes de repúdio, sobre elas.

Ainda de acordo com Sassen (1999), é no espaço das cidades, mais do que no Estado nacional, que a globalização se manifesta: a presença de pessoas de outras culturas e outras regiões do mundo leva a uma percepção cosmopolita, multicultural. Casanova (2007) ressalta que tal percepção pode ser a de uma ameaça para os autóctones – seja em termos culturais, religiosos ou étnicos. Pessoas com outras cores de pele, culturas, religiões e hábitos, distintos daquilo que se está acostumado: alguns desses não seriam vistos como passíveis de receberem a verdadeira cidadania em uma dada sociedade, sendo encarnações de uma alteridade insolúvel por qualquer adaptação ao contexto de recepção. Com a emergência do discurso populista na contemporaneidade, surgiram hierarquizações acerca de quem pertence ou não ao povo identificado como verdadeiro nesse discurso populista. Por mais que vários países tenham recebido fluxos significativos de imigrantes (como o Brasil e a Nova Zelândia, que citaremos a seguir), hoje, na dinâmica de neoliberalização da vida, populistas mobilizam discursos intolerantes contra tais imigrantes para se fortalecerem politicamente.

Quando Stanley (2020) procura elaborar os elementos da política fascista – não do fascismo, mas das estratégias políticas fascistas que o populismo, ainda de acordo com o autor, emprega – que diferentes populismos mobilizam e mobilizaram, um dos elementos apontados é a hierarquização social: “De acordo com a ideologia fascista [e populista], em contrapartida, a natureza impõe hierarquias de poder e

dominâncias que contrariam categoricamente a igualdade de respeito pressuposta pela teoria democrática liberal.” (STANLEY, 2020, p.85) Se concordarmos com o autor de que a hierarquia é uma espécie de “ilusão em massa” (STANLEY, 2020, p.85), será mobilizando essa ilusão, estimulando ansiedades, que alguns grupos e indivíduos se posicionarão no espaço social.

A ideia de hierarquia social é uma das estratégias para atacar a própria democracia. Mesmo a democracia brasileira conviveu com tal estratégia ao longo de sua história, discriminando não-europeus: passando pelo antissemitismo integralista até a discriminação contra pessoas de etnia árabe e/ou da religião islâmica (CAIXETA; CASTRO, 2020). Considerando-se que “A igualdade, segundo o fascista [e o populista], é o cavalo de troia do liberalismo.” (STANLEY, 2020, p.93), recusar essa igualdade é agir em prol desse povo entendido como verdadeiro daquela nação: não há recursos para todos “nós”, não deverá haver recursos para todos “eles”. Se houverem, que haja uma contrapartida, como o abandono da própria religião (no caso dos muçulmanos), das próprias práticas religiosas-culturais (como o uso do véu pelas muçulmanas) ou mesmo a aceitação de um status inferiorizado por uma cidadania de segunda classe. Enquanto projeto, essa hierarquização “combina a ansiedade sobre a perda de status por parte dos membros da verdadeira ‘nação’ com o medo do reconhecimento igualitário para grupos minoritários odiados.” (STANLEY, 2020, p.93). A igualdade entre as pessoas, atestada no Artigo 1º da Declaração Universal dos Direitos Humanos – “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos.” – é questionada, portanto. Alguns humanos teriam mais direito que os outros exatamente por estarem no topo da hierarquia social. A filósofa política Wendy Brown (2019, p.144) indica que os “apelos nacionalistas para se deixar os refugiados do lado de fora do muro e para expulsar imigrantes recorrem à figura da nação como um lar ameaçado em que os princípios de justiça democrática e direitos humanos não têm pertinência alguma”.

Esse posicionamento, de defesa de uma hierarquia natural entre as pessoas e, sobretudo, de grupos e classes sociais, acaba tendo como alvo aqueles membros dissonantes. Se o imigrante ou refugiado já são vistos como possíveis ameaças, essa situação será ainda pior quando o imigrante ou refugiado pertencer à religião islâmica. Alguns chegam mesmo a indicar um “*jihad* demográfico” (GREEN, 2015, p.289)¹ como elemento para consideração pelos seus concidadãos. A tríplice ameaça que esses muçulmanos refugiados representariam seria: 1) **demográfica**, na medida em que se reproduziriam no país de destino de forma ameaçadora; 2) **religiosa**, pois implantariam crenças distintas do cristianismo; e 3) **cultural**, pois trariam práticas distintas das nossas, das alimentares e indumentárias às arquitetônicas e legais (via *sharia*); tudo isso em possível associação aos comunistas (GREEN, 2015).

¹ No original: *demographic jihad*.

Qualquer semelhante com os argumentos usados durante a Alemanha hitlerista para indicar a ameaça judeo-bolchevista (DABASHI, 2011; HANEBRINK, 2018) não são meras coincidências: se no passado os grupos extremistas de direita indicavam que o comunismo era uma conspiração mundial criada por judeus, hoje é a aliança entre comunistas e muçulmanos que estimula a secreção de imagens no imaginário populista ocidental. Caixeta e Castro (2020) reiteram que essa associação também ocorre no Brasil.

Assim, é a figura da não-pessoa que se apresenta nesse contexto: aquele que não é digno de receber o mesmo tratamento que os “iguais” merecem. Os refugiados não são aqueles que se encontram apenas na parte mais baixa da estrutura hierárquica da sociedade, mas que também podem subverter essa mesma hierarquia, trazendo elementos estranhos a ela. A compreensão de como os grupos e indivíduos, em uma perspectiva transnacional, que se identificam como defensores da sociedade judaico-cristã ocidental e do Ocidente lidam com os muçulmanos migrantes apresentará um dos vetores para forma do espaço social contemporâneo. O “ser ocidental” encontrará na figura dos imigrantes muçulmanos um antagonista essencial: apesar de suas diferentes histórias e dinâmicas sociais, as sociedades abaixo citadas como exemplos compreenderão nessa mesma categoria, “muçulmano imigrante”, uma ameaça a si.

Em *Walled states, waning sovereignty*, Brown (2010) indica que quanto mais um Estado levanta muros para se proteger de uma ameaça, menor sua soberania: isso porque as ameaças não são mais passíveis de contenção, elas entram pelas brechas e minam a nação. Mesmo quando entram legalmente, devem se curvar à maioria, como Casanova (2007) indica como possibilidade de continuidade no espaço de recepção, ou desaparecer – ambas as opções se adequam bem às proposições da política fascista que Stanley (2020) identifica. Ao menos é assim que grupos extremistas vêm percebendo essas populações, a considerar os exemplos abaixo arrolados. Interessa-nos repertoriar alguns casos sobre esses muçulmanos em situação de deslocamento e quais respostas foram expressas para esse contingente populacional. Identificamos tais episódios enquanto manifestações de islamofobia:

A islamofobia é uma ideologia, semelhante em teoria, função e propósito ao racismo e outros fenômenos semelhantes, que sustenta e perpetua um significado avaliado negativamente sobre os muçulmanos e o Islam no cenário contemporâneo de maneiras semelhantes às quais tem historicamente, embora não necessariamente como um *continuum*, pertencido subsequentemente, influenciando e impactando a ação social, a interação, a resposta e assim por diante, moldando e determinando a compreensão, percepções e atitudes no consenso social – as línguas compar-

tilhadas e mapas conceituais – que informam e constroem o pensamento sobre os muçulmanos e o Islam como Outros. (ALLEN, 2011, p.190, tradução nossa)²

Foge ao escopo do presente artigo traçar as singularidades de cada sociedade que é citada³, de modo que essa definição ampla poderá fornecer as chaves de leitura acerca dos acontecimentos que narramos a seguir.

Noruega: Oslo e Utøya, julho de 2011

No dia 22 de julho de 2011, na Noruega, Anders Behring Breivik, então com 32 anos, realizou dois ataques brutais resultando na morte de dezenas de pessoas. No primeiro, ele detonou uma bomba em um veículo estacionado na região de Regjeringskvartalet, centro do Distrito do Governo, na região central de Oslo. Quando as atenções das autoridades se voltaram para a explosão no distrito governamental, Anders Breivik seguiu de barco para a pequena ilha de Utøya, vestindo um uniforme policial improvisado e de posse de identificações falsas, onde a Liga da Juventude Operária, ala jovem do Partido Trabalhista, organizava seu acampamento de verão. Oito pessoas foram assassinadas em Oslo como resultado da explosão, enquanto em Utøya outras 69 pessoas foram assassinadas, sendo que 33 das vítimas eram menores de 18 anos. Outras 319 pessoas ficaram feridas. Breivik deu a entender que faria parte de um grupo maior (o que ele próprio desmentiu posteriormente):

O terrorista alegou ser um Nobre Cavaleiro Comandante em uma rede que ele chamou de Cavaleiros Templários Europa. No entanto, a seguinte investigação policial não encontrou nenhum indicador ou evidência de que tal rede realmente exista. Portanto, ele era um terrorista solo, independentemente de aplicarmos uma definição restrita ou ampla (...) de terrorismo solitário. Breivik também se destaca como o lobo solitário mais mortal que conhecemos. (HEMMINGBY; BJØRGO, 2016, p.2, tradução nossa)⁴.

² No original: *Islamophobia is an ideology, similar in theory, function and purpose to racism and other similar phenomena, that sustains and perpetuates negatively evaluated meaning about Muslims and Islam in the contemporary setting in similar ways to that which it has historically, although not necessarily as a continuum, subsequently pertaining, influencing and impacting upon social action, interaction, response and so on, shaping and determining understanding, perceptions and attitudes in the social consensus – the shared languages and conceptual maps – that inform and construct thinking about Muslims and Islam as Other.*

³ Caixeta e Castro (2020) expõem uma síntese esclarecedora sobre a islamofobia brasileira.

⁴ No original: *The terrorist claimed to be a Justiciar Knight Commander in a network he called Knights Templar Europe. However, the following police investigation did not find any indicators or evidence that such a network actually exists. Thus, he was a solo terrorist, regardless of whether we apply a narrow or broad definition (...) of solo terrorism. Breivik also stands out as the most deadly solo terrorist we know of.*

É importante considerar que essa ação foi profundamente premeditada. Hemmingby e Bjørgo (2016) tiveram acesso às mais de 200 horas de entrevista resultantes da investigação da polícia norueguesa, além das transcrições de mais de 1200 páginas produzidas, investigando o processo pelo qual Breivik escolheu seus alvos. Se por um lado a polícia norueguesa trouxe essa profusão de materiais a baila, o próprio Anders Breivik havia produzido antes de seu ataque uma obra massiva: seu livro *2083: a European declaration of Independence (2083 – uma declaração europeia de independência)* (BERWICK, 2011, tradução nossa).

Nas cerca de 1500 páginas de *2083*⁵, Breivik procura expor sua motivação para o maior número de possíveis leitores, partindo do pressuposto de que a Europa está em guerra com os muçulmanos, que estes possuem estratégias de imigração para dominação do continente e que recebem apoio dos marxistas via a defesa do multiculturalismo. É relevante que ideólogos da extrema-direita estadunidense, como David Pipes, Pamela Geller e Robert Spencer, são citados dezenas de vezes no documento. Em suas primeiras páginas, o autor incita a tradução da obra, originalmente em inglês, para o alemão, o francês e o espanhol, visando falar ao maior número de patriotas. Sobre seu livro, Breivik afirma:

Atualmente, ele oferece um banco de dados dos mais abrangentes de assuntos orientados para soluções. Como mencionei, eu só peço uma coisa de você; que distribua este livro a seus amigos e peça-lhes que o encaminhem aos amigos “deles”, especialmente a indivíduos que tenham uma mentalidade patriótica. (BERWICK, 2011, p.8, tradução nossa)⁶.

O apelo ao patriotismo é orientado principalmente contra os refugiados muçulmanos para o continente europeu. Quanto às estratégias para agir contra essa ameaça, *2083* pode ser encarado em três partes: a primeira com o contexto histórico; a segunda com a tentativa de elaboração da ideologia do autor; a terceira com aspectos militares, operacionais, que orientam o combate violento contra essas pessoas (HEMMINGBY; BJØRGO, 2016). De acordo com Breivik, os muçulmanos seriam todos jihadistas disfarçados, obedientes a um plano sinistro contrário à civilização judaico-cristã⁷ encarnada na Europa.

⁵ Com subtítulo “*De Laude Novae Militiae*” e “*Pauperes commilitones Christi Templique Solomonici*”, ou “Em louvor do novo soldado” e “Os pobres soldados aliados de Cristo e do templo de Salomão” (tradução nossa do latim), é clara a tentativa de Breivik em se associar aos templários – a capa do livro é uma cruz de Malta vermelha em fundo branco – bem como sugerir fazer parte de uma organização maior.

⁶ No original: *It currently offers the most comprehensive database of solution oriented subjects. As mentioned, I only ask one thing from you; that you distribute this book to your friends and ask them to forward it to “their” friends, especially to individuals who have a patriotic mindset.*

⁷ Hanebrink (2018) indica que a ideia de uma sociedade ocidental judaico-cristã surgiu a partir da década de 1950, após a derrota do nazismo, em contraponto ao comunismo soviético. Daí em sua

Os ataques de Breivik, todavia, não alvejaram somente muçulmanos: ao atacar um acampamento da Juventude Operária, seu alvo foram pessoas “de esquerda”, praticantes, de acordo com o autor, do marxismo cultural, ideologia que, ainda segundo o terrorista, está em íntima relação com o extremismo islâmico (BERWICK, 2011). O livro-manifesto *2083* denuncia os pesquisadores da Escola de Frankfurt, criticando do politicamente correto ao *jihad* islâmico: a esquerda e os muçulmanos estariam unidos para a criação de uma Eurásia a ser implantada via multiculturalismo.

Apesar do medo de Breivik de uma conquista muçulmana da Europa, ele tinha como alvo os não-muçulmanos, particularmente pessoas que ele identificou como símbolos do *establishment* político. Visto que o governo era o culpado pela ameaça muçulmana, um ataque ao governo foi necessário para salvar a civilização europeia. (GREEN, 2015, p.290, tradução nossa).⁸

Consideramos ainda que:

Breivik culpa os governos europeus pela terrível situação que o continente enfrenta devido ao crescimento da população muçulmana. Ele tem como objetivo particular as políticas de multiculturalismo, insistindo que a correção política e a ignorância da verdadeira natureza do Islam levam os governos a encorajar a imigração muçulmana em nome da tolerância e da diversidade. (GREEN, 2015, p.290, tradução nossa).⁹

Assim, a ação de Breivik teve como alvo justamente aqueles que estariam, em sua concepção, contribuindo para a lenta morte da Europa e sua transformação em Eurásia. Condenado a 21 anos (prorrogáveis) de prisão por assassinato em massa e terrorismo, seu livro *2083* continua disponível, on-line e facilmente encontrável, para quem quer que procure inspiração para sua xenofobia. É sintomático que seus argumentos ainda hoje ecoem na Europa e para além dela.

ideologia se associar comunistas e muçulmanos: são inimigos, de ontem e de hoje respectivamente, da civilização ocidental.

⁸ No original: *Despite Breivik's fear of a Muslim takeover of Europe, he targeted non-Muslims, particularly people he identified as symbols of the political establishment. Since the government was to blame for the Muslim threat, an assault on the government was necessary to save European civilization.*

⁹ No original: *Breivik blames European governments for the dire predicament the continent faces in light of growing Muslim populations. He takes particular aim at policies of multiculturalism, insisting that political correctness and ignorance of Islam's true nature lead governments to encourage Muslim immigration in the name of tolerance and diversity.*

Brasil: São Paulo-SP, maio de 2017

No dia 25 de maio de 2017, sob o governo de Michel Temer, houve a sanção da Nova Lei de Migração. Antecedendo essa sanção, no dia 2 de maio de 2017, ocupando parte da Avenida Paulista, um grupo de manifestantes pertencentes ao Movimento Direita São Paulo (atual Movimento Conservador) e portando cartazes pronunciava palavras de ordem, tais quais “Sem terrorismo na minha nação, eu digo não à lei de imigração, não não não à lei de imigração”. Dentre esses cartazes, um deles retratava o presidente da República Michel Temer utilizando um turbante branco. Os vídeos foram transmitidos ao vivo no Facebook e ainda encontram-se disponíveis¹⁰. Em certo momento, um dos presentes apresenta aquilo que compreende por lei de imigração e os riscos de que acontecesse no Brasil algo semelhante ao que Anders Breivik descreve quanto à Europa:

A lei de imigração não é uma lei feita pra ajudar refugiados, é uma lei feita para trazer ao Brasil o que há de pior no Oriente Médio. A lei da imigração não é uma lei pensada para ajudar as famílias árabes, é uma lei que traz consigo o Cavalo de Troia pronto para implantar em nosso Brasil uma milícia armada, para ajudar na tal da revolução tanto cultural como pela força. Não bastam todos os problemas de corrupção e relativismos morais que nós temos? Não basta o fato do brasileiro ter que enfrentar todo santo dia a violência disseminada pelos bandidos? Não bastam os mais de 60 mil homicídios anuais que ocorrem em território brasileiro? E mais, a nova lei de imigração coloca imigrantes e brasileiros como iguais no território nacional. Ou seja: a condição de ser brasileiro nato ou naturalizado, ela passa a ser irrelevante. Que tipo de pessoa nós estamos trazendo para nosso país? Que tipo de pessoas nós estamos colocando para transitar ao lado dos nossos filhos? Ao lado das nossas esposas, ao lado dos nossos entes queridos? Vejam o que aconteceu com cidades como Paris, Londres, Munique e tantas outras. Mulheres estão sendo estupradas pelos ditos refugiados. As ruas viraram uma Meca a céu aberto e qualquer um que se posicione contra logo é chamado de fascista, nazista ou xenófobo, quando na verdade eles estão lutando inclusive contra esses regimes ditatoriais. À medida que cresce e é imposta a *sharia* na Europa, o cristianismo é perseguido e os cristãos são assassinados. Eu quero dizer uma coisa, o Brasil é um estado laico sim, mas jamais será um estado laicista, porque o Brasil é majoritariamente composto por cristãos e o cristianismo é o que mantém a nossa civilização. O cristianismo é o que mantém a nossa cultura. A nossa identidade e os nossos valores e eles não vão nos destruir porque estamos embasados nos três valores

¹⁰ Devido à possibilidade desses tipos de discursos serem classificados como discursos de ódio e possivelmente removidos das plataformas onde se encontram, para este estudo foram geradas cópias de segurança de todos os vídeos citados.

e os três pilares que nos fortalecem: Deus, pátria e família [em coro, multidão grita em uníssono “Deus, pátria e família”]. (MOVIMENTO CONSERVADOR, 2017a, n.p.).

Conforme apontamos anteriormente, é característica da política fascista a hierarquização social. No pronunciamento acima, todas as justificativas relevantes para o Movimento do porquê não aceitar refugiados, que não poderiam ser equiparados aos brasileiros, são apresentadas. Mesmo a tentativa de desvincular-se de pensamentos extremistas de direita, apesar da semelhança umbilical de seus argumentos, surge. Pouco surpreende que algumas dessas argumentações tenham sido apresentadas também por Anders Breivik: a defesa do solo nacional contra o invasor, as distinções irredutíveis entre “nós” e “eles”, de modo que aparentemente esse tipo de discurso de extrema direita traz, para os agentes sociais brasileiros, estratégias retóricas e argumentos semelhantes ao terrorista supracitado – em um processo identificado como islamofobia por tradução cultural (SOUZA, 2018). A recusa por reconhecer ao outro a legitimidade de sua existência, questionando seu estatuto de pessoa, é trazida por outro manifestante (vestindo uma camiseta preta onde se lê “Menos Marx, Mais Mises”) a discursar:

(...) com eles não existe diálogo, com eles não existe democracia, eles querem impor a cultura deles, eles querem impor a *sharia* deles, eles vão querer subjugar o povo brasileiro abaixo dessa religião que de paz não há nenhuma paz. Eles são do ódio, eles são do terrorismo, e eles vão querer tomar o Brasil e eles vão querer acabar com o Brasil. (MOVIMENTO CONSERVADOR, 2017b, n.p.).

O medo persecutório de uma ameaça daquilo que pode vir a ser, em uma tentativa de estimular a raiva contra minorias (MISHRA, 2017), é uma das características desse discurso. Os refugiados não são observados em suas condições concretas, tampouco considera-se que o Brasil é um país que é destino de, proporcionalmente, poucos refugiados (IOM, 2019). Famílias de outros países, sem contatos, sem amizades, sem vínculos diretos com esse espaço social: qual ameaça gigantesca que poderiam representar? Na verdade, suas próprias existências são ameaças. Inevitável recordar de Stanley (2020), quando afirma acerca de outra estratégia da retórica fascista (“Lei e Ordem”), mas que se aplica também a algumas das retóricas populistas ou xenofóbicas como as que aqui analisamos:

Um Estado democrático saudável é governado por leis que tratam todos os cidadãos de forma igual e justa, apoiados por laços de respeito mútuo entre as pessoas, incluindo aqueles encarregados de policiá-los. A retórica fascista de lei e ordem é explicitamente destinada a dividir os cidadãos em duas classes: aqueles

que fazem parte da nação escolhida, que são seguidores de leis por natureza, e aqueles que não fazem parte da nação escolhida, que são inerentemente sem lei. (STANLEY, 2020, p.112).

Assim, a batalha contra os direitos das pessoas, que a modernidade previa de forma positiva, é uma das estratégias para contrapor-se à presença de refugiados. O argumento de ameaça demográfica, cultural e religiosa é reiterada em diferentes momentos da manifestação: os muçulmanos não seriam pessoas, seriam avatares de modos de ser, estar e sentir contrários ao “nosso” modo de ser, estar e sentir. Não mais pessoas, mas sim avatares da *sharia*:

A construção islamofóbica dos muçulmanos como avatares da ‘doutrina sharia’ representa tanto a articulação de um arquivo de construções racializadas e orientalistas da ‘cultura muçulmana’, formuladas em relação a um (primeiro cristão, depois secular) ‘Ocidente’, e uma redução de sistemas culturais e jurídicos islâmicos a objetos que podem ser nomeados, compreendidos e finalmente rejeitados inteiramente em termos ocidentais. (O’DONNELL, 2018, p.14, tradução nossa).¹¹

Mesmo o nascimento de muçulmanos é tido como uma ameaça – ameaça essa que supostamente se somaria aos problemas sociais que o país já enfrenta.

Aqui são treze milhões, 14 milhões de desempregados, só aqui no nosso país. É como se fosse a cidade de São Paulo inteira desempregada. E agora vão trazer mais pessoas pra viver no assistencialismo, pra ter escola, pra ter universidade pública, pra ter bolsa família, pra ter saúde, pra ter previdência privada e tudo o que eles quiserem, inclusive o porte de arma. Enquanto a esquerda prega o aborto, eles tão fazendo dez filhos cada um em cada mulher, em menos de 50 anos a Europa não vai mais existir. Ela não tem mais capacidade, ela não tem mais índice de natalidade para conseguir superar o que vem acontecendo lá dentro. Em 50 anos não vai mais existir Suécia, em 50 anos não vai mais existir a Alemanha. E agora a nossa soberania está sendo colocada em risco. Nós não vamos ter mais a nossa soberania. (MOVIMENTO CONSERVADOR, 2017c, n.p.).

Esse argumento da perda de soberania é aplicado aos imigrantes e aos refugiados, muçulmanos ou não. Em que medida o Movimento Direita São Paulo reverbera, em suas demandas, aquilo que Ander Berwick já havia apresentado? A similitude

¹¹ No original: *The islamophobic construction of Muslims as avatars of the ‘sharia doctrine’ represents both the articulation of an archive of racialized, Orientalist constructions of ‘Muslim culture’, formulated in relation to a (first Christian, later secular) ‘West’, and a reduction of Islamic cultural and juristic systems to objects that can be named, comprehended and finally dismissed entirely in western terms.*

entre os argumentos mobilizados pelo terrorista e pelo Movimento é grande a ponto de que se pode afirmar que fazem parte da mesma matriz ideológica islamofóbica, como Allen (2011) retrata, com imagens e representações de natureza semelhante sobre o Islam e os muçulmanos. O que se assiste na prática desses discursos é a defesa da negação dos direitos humanos fundamentais, dos direitos civis e políticos, dos direitos econômicos e sociais, para muçulmanas e muçulmanos.

Poucos dias depois, cenas com tintas islamofóbicas, de tons semelhantes, foram representadas no Rio de Janeiro-RJ com uma verve ainda mais agressiva: não contra a Lei de Migração, mas contra a religião do Islam e seus seguidores.

Brasil: Rio de Janeiro-RJ, julho de 2017

Chamando a atenção dos transeuntes que passavam pelo Largo do Machado no Rio de Janeiro no dia 21 de julho de 2017, um grupo de pessoas, dentre elas crianças, vestindo camisetas pretas com o dístico “Bíblia Sim, Constituição Não”, protestavam com cartazes e palavras de ordem, denunciando a religião islâmica e seus seguidores. Trata-se da Geração de Mártires, movimento evangélico da cidade do Rio de Janeiro-RJ liderado pelo Pastor Tupirani da Hora Loures. De acordo com os cartazes, os muçulmanos formariam um grupo de assassinos e pedófilos legalizados, sendo o livro sagrado do Islam, o Alcorão, fonte de ensinamentos promotores de violências e barbáries. O ato foi registrado em vídeos pelos promotores da manifestação que posteriormente foram disponibilizados na plataforma YouTube.

Em um dos vídeos, equivalem-se os muçulmanos a pedófilos e assassinos, com frases como “Fora islamistas”, “Proteja seus filhos, o Islã chegou” e demais expressões caracteristicamente contrárias à religião do Islam e seus seguidores. Também pode-se ver uma criança segurando um cartaz, no qual se lê, em letras garrafais, “Islã: assassinos legalizados no Brasil”. O vídeo intitulado PASSEATA (ESCOLA DE ASSASSINOS) (21 de julho de 2017) encontrava-se originalmente no endereço eletrônico <https://www.youtube.com/watch?v=dJ2Bd6ybXBc> – todavia, hoje exhibe o aviso, em inglês, de que “Este vídeo foi removido por violar a política do YouTube sobre discurso de ódio. Saiba mais sobre como combater o discurso de ódio em seu país.”(tradução nossa)¹² No site do grupo, “O Grito da Meia Noite”¹³, está disponível um link para uma localização do Google Drive com cópia desse arquivo e de outros, também removidos da plataforma YouTube: <https://drive.google.com/drive/folders/0B2DZ5skHz-dvSF9jT3FUQIV0NGs>.

¹² No original: *This video has been removed for violating YouTube’s policy on hate speech. Learn more about combating hate speech in your country.*

¹³ Disponível em: <https://ogritodameianoite.webs.com>. Acesso em: 19 ago. 2021.

No vídeo PASSEATA (ESCOLA DE ASSASSINOS) (21 de julho de 2017), um narrador, possivelmente Tupirani, afirma:

Eu gostaria de indagar ao homem qual o valor da sua moral, porque não vemos intervenção no tráfico de crianças para exploração sexual na Tailândia e no mundo. Por que o mundo se cala ante a pedofilia islâmica e aos assassinatos promovidos pelos muçulmanos? Raça de víboras. (GERAÇÃO DE MÁRTIRES, 2017).

Após essa narração, um grupo de pessoas passa em um corredor (aparentemente uma estação de transporte público), ocupando todo o estreito espaço para circulação, entoando trechos da música chamada “Islã assassino” (ainda disponível no canal de YouTube do movimento, com versões legendadas em inglês, francês e espanhol):

[inaudível] (...) compus esta canção, ao mestre com carinho. Pra mostrar como eu não esqueço as tuas lições, testemunho à população quem são os muçulmanos. Comunismo, fascismo, nazismo, islamismo é tudo igual. Putin, Fidel, Chavez, Mussolini e Hitler, Ayatollah Khomeini, cortam cabeça, esquarterjam, é tudo normal. Escola de assassinos ensinando o mal. (GERAÇÃO DE MÁRTIRES, 2017).

A ação chamada de “Passeata” é resultante da organização do Pastor citado. É essa pessoa que toma a palavra no vídeo, realizando uma série de apontamentos sobre a ação engendrada naquele dia 21 de julho de 2017. Após tomar a palavra, Tupirani afirma:

Muita gente pensa que cristianismo é ficar dentro da igreja. Se fosse só isso, Jesus não teria dito ide por todo o mundo. Mas muita gente acha que cristianismo se resume a uma linha de pensamento. Imagina se Jesus tivesse vindo ao mundo para trazer apenas uma linha de pensamento. Ele não fez isso. Fez isso? Jesus pegou todos os segmentos de uma sociedade, Jesus pegou a injustiça dos reis, a injustiça hipócrita dos fariseus, né, e outros antes dele já fizeram isso. Jeremias, João Batista, então irmão, veja bem, geração Jesus Cristo tem uma liderança. Essa liderança sou eu. Então nós vamos ter comandos, e todos são livres e ninguém é obrigado a nada. Agora, eu recebi uma missão, vou seguir e vou convocar quem quiser vir, venha em paz e vamos fazer a obra sabendo que numa dessas saídas talvez alguns de nós não volte pra casa e isso faz parte da nossa obra. A um servo cabe ser igual ao seu senhor. Quando cumprirmos a nossa missão, e esse tempo só Deus sabe, nós declararemos combati o bom combate, completei a carreira e guardei a fé. Eu não tou preocupado se daqui eu vou voltar pra casa, eu estou preocupado se daqui eu terei cumprido a minha missão. Não interessa

viver. Me interessa cumprir a minha missão. (...). Porque em outras igrejas que eu frequentei, o simples fato de dizermos assim irmão, domingo nós vamos ali na esquina na praça pregar o evangelho, aquele evangelho fuleiro de paz e amor, só nessa convocação numa igreja que tinha 60 membros, aparecia eu e o pastor porque não existia um povo forte. Hoje nós temos isso aqui, uma denúncia desse nível, e eu vejo todos vocês. Somo o povo mais forte que o povo já conheceu. Somos o povo aonde o Espírito de Deus anda em nossas vidas de uma maneira gloriosa. Somos o único povo de Deus. Não somos um povo acomodado dentro de igreja. E outra coisa: nunca esqueçam disso. Fazer justiça não é lutar pela minha casa, é lutar pelo mundo. Isso é justiça. Quando eu luto pela minha casa eu não tou fazendo justiça. Eu tou lutando somente pelos meus próprios sentimentos. Mas Jesus Cristo não disse que a minha família vale mais do que o mundo inteiro. Ele disse que uma alma [vozes em coro completam “vale mais que o mundo inteiro”] então as mulheres que estão sendo estupradas pelos islamitas nessa hora, Jesus considera que elas valem mais do que o mundo inteiro. As crianças que estão sendo vítimas de pedofilia, Jesus considera que elas valem mais do que o mundo inteiro. E eu te pergunto irmão, quem vai gritar, quem vai falar, senão aqueles em cujos pais habita o espírito da glória de Deus [coro grita “aleluia”]. Você espera que os batistas façam um movimento desse? Que os assembleianos façam isso? Somos a raridade, somos a essência do espírito de Deus na terra dos mortais. (GERAÇÃO DE MÁRTIRES, 2017).

O senso de missão e o sacrifício da vida em prol da pregação religiosa são reiterados em outros momentos do discurso, quando Tupirani afirma, por exemplo, que “A formação acadêmica dos meus filhos é serem sacrificados no altar de Deus. Essa é a formação acadêmica dos meus filhos.” (GERAÇÃO DE MÁRTIRES, 2017). A percepção de si mesmo enquanto um profeta é algo que perpassa outros momentos da produção de Tupirani, que se apresenta como “o último Elias”, profeta esse que na Bíblia é relatado no segundo Livro de Reis (2 Rs 2:11) subindo aos céus e cujo retorno antes do tempo de atribuições prévias ao fim dos tempos é indicando no Livro de Malaquias (Ml 3:23) (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002). Apresentando-se enquanto parte de uma escatologia em andamento, Tupirani exalta sua missão perante o grupo que o segue e a audiência, atingida por suas publicações.

Digno de nota é o repúdio pela política enquanto um dos elementos discursivos do Pastor Tupirani. Ele afirma que:

Nenhuma denominação, não respeito pastor de nenhuma denominação. Eu não respeito igreja aonde nos seus palanques sobe um político, o meu Deus não tem [inaudível] no Congresso Nacional. O meu Deus não compactua com político. O meu Deus não é corrupto. O meu Deus não é canalha, não é mercenário. O meu

Deus não pisa em palanque de político. No Congresso Nacional Jesus Cristo nunca entrou. E como ele disse prá mim, aonde entrar política, eu saio. [Alguém grita ao fundo “fogo neles”] Você conhece uma igreja que a política entrou lá, ela não é mais igreja, ela é um templo de Satanás. (GERAÇÃO DE MÁRTIRES, 2017).

Ou seja: não há o reconhecimento por um espaço público onde os diferentes agentes sociais, religiosos ou não, expressam suas intenções e projetos, particulares e comuns. O que há é a corrupção das igrejas que visam, politicamente, serem contempladas no espaço público. A igreja que assim procede se torna um “templo de Satanás”, nas palavras de Tupirani. Após esse repúdio à política, após a exaltação do sacrifício e defesa da religião contra a formação acadêmica, retorna-se à música que abre o vídeo:

Era uma vez uma besta chamada Maomé, legalizador do estupro, da poligamia, da pedofilia e da sem-vergonhice. A besta Maomé escreveu o Alcorão livro de ódio dos muçulmanos. Manual de terror, de ira, de pedofilia. Assassinos em primeiro grau, terroristas, no mundo sem igual. (GERAÇÃO DE MÁRTIRES, 2017).

Todavia, engana-se quem vê na ação da Geração de Mártires apenas islamofobia e xenofobia contra praticantes da fé do Islam: também há espaço para o antissemitismo, a homofobia, a intolerância com religiões de matriz africana e mesmo com outros grupos evangélicos. Quanto ao antissemitismo, Tupirani expressa-se enfaticamente contra os judeus: de acordo com o site da Confederação Israelita do Brasil (CONIB), Tupirani orou em um culto “Ó, Deus, como Tu fizeste na Segunda Guerra Mundial, Tu tens dito que faria novamente e, se depender do nosso clamor e da nossa oração, justiça, justiça, justiça a esses arrogantes, prepotentes, que até hoje cospem na cara de Jesus Cristo”. (CONIB, 2020). Dissonante dos muitos grupos evangélicos nacionais, Tupirani ataca os judeus enquanto pessoas que abandonaram o Cristo – esse mesmo Cristo para o qual Tupirani oferece o sangue alheio e o sacrifício de si, de seus filhos e fieis.

Quanto à homofobia, afirma o pastor que o “homossexualismo” é uma forma de “possessão demoníaca”, que não se deve aceitar a homossexualidade enquanto algo normal e que “pode e deve discriminar” pessoas que ele identifica como aberrações, que são “pior do que aborto” (LADO A, 2019). É flagrante o desprezo por pessoas que não se enquadram nas normas religiosas e sexuais que Tupirani definiu, inspirado por Deus, para si e para os demais, mesmo para os que não professam a mesma fé que ele.

Frente a outros evangélicos, Tupirani é enfático em repudiá-los, principalmente a Igreja Universal do Reino de Deus, que identifica como “Prostituta

Universal” (GERAÇÃO DE MÁRTIRES, 2014). No vídeo citado (GERAÇÃO DE MÁRTIRES, 2014), Tupirani assume ter sido membro da IURD, abandonando-a após ver “falcatruas” e demais comportamentos por ele tidos como inadequados. A forma como esse repúdio é realizado é característica de Tupirani: tudo o que não se enquadra dentro da doutrina de sua seita é equívoco, desvio. A recusa das pluralidades de posicionamentos religiosos é uma constante em seu grupo.

Ambos os episódios citados, tanto do grupo Direita São Paulo (atual Movimento Conservador) e do Geração de Mártires indica, no caso brasileiro, a “re Cristianização da esfera pública” (BROWN, 2019, p.153). Em síntese, esse processo tem como proposta a exclusão dos não cristãos do espaço público. Todavia, o próximo episódio descrito traz novamente a chacina enquanto argumento anti-migração.

Nova Zelândia: Christchurch, março de 2019

No dia 15 de março de 2019, os fieis da Mesquita Al Noor (“A Luz”) preparavam-se para a oração de sexta-feira, quando os muçulmanos rezam em congregação. No horário em que os presentes se preparavam para a oração, Brenton Tarrant, australiano, com 28 anos à época, portando armas de fogo de grosso calibre, invadiu a mesquita citada, disparou suas armas contra os presentes e depois seguiu para o Centro Islâmico de Linwood, a 5 km da mesquita, onde continuou seu ataque. No total, assassinou 51 pessoas, adultos e crianças, e deixou outras 49 feridas, algumas em estado grave e que vieram a falecer posteriormente. Além do ataque, havia estacionado ao lado da mesquita um carro-bomba, que não foi detonado. Enquanto Brenton agia, estava conectado à internet, transmitindo ao vivo, na rede social Facebook, a sua ação sanguinária. Na época dos vídeos virais, das redes sociais anônimas (como os *chans*, usados por Brenton para anunciar seu ataque), dos jogos de videogame em primeira pessoa, o ataque impressionou por sua violência e determinação (MACKLIN, 2019).

As imagens em primeira pessoa são chocantes: mostram pessoas sendo alvejadas dentro de uma mesquita, tombando mortos, um a um, conforme o atirador prossegue em sua ação sanguinária. A estética de jogo eletrônico aparenta que o atirador não está a matar pessoas, mas objetos apresentados enquanto depositários de uma libido que se quer mostrar, que quer ser testemunhada. O terror é o espetáculo catártico que oferece. O que Brenton mostra é sua violência, uma faceta obscura do espaço social que vivemos: “É possível pensar em definição mais acurada para o mundo hiperconectado do que descrevê-lo como ‘um conjunto de relações sociais mediadas por imagens’?” (ZACARIAS, 2018, p.38). As imagens que Brenton nos oferece são imagens da vida nua sendo desperdiçada, para todos verem, em tempo real.

Ao contrário de Breivik, Brenton não atacou pessoas vinculadas à esquerda ou ao multiculturalismo, mas sim muçulmanos. Semelhante a Breivik, Brenton também elaborou um texto no qual justifica seus ataques. Trata-se do texto *The Great Replacement* (“A Grande Substituição”) (TARRANT, 2019, tradução nossa), que possui como um de seus principais motes o temor de que os brancos sejam substituídos por grupos muçulmanos (MACKLIN, 2019). Nesse texto, o autor assume-se ecofascista, racista, nacionalista, favorável a um etno-estado e se encara como um combatente contra uma potencial força de ocupação. Quando aborda o antissemitismo, afirma que não é contrário aos judeus que vivem em Israel, pois não tentam impor sua religião (TARRANT, 2019): ou seja, quando não tentam influenciar com sua mera presença, são aceitáveis.

O texto que abre seu livro como epígrafe, é o poema de Dylan Thomas *Do Not Go Gentle In That Good Night*, “Não vás tão gentilmente nessa boa noite escura”¹⁴. A última linha do poema, repetida em diferentes estrofes, é *Rage, rage against the dying of the light*, “Raiva, raiva contra a morte da luz que fulgura.”. Repetindo um mote também, a introdução afirma: “São as taxas de natalidade. São as taxas de natalidade. São as taxas de natalidade.” (TARRANT, 2019, p.2, tradução nossa)¹⁵. O temor pelas taxas de fertilidade é uma constante na obra, que indica que os europeus – de algum modo, Tarrant (2019) enxerga a Nova Zelândia enquanto parte do ocidente europeu – estão desaparecendo para dar espaço a invasores: “Esta crise de imigração em massa e fertilidade de sub-reposição é um ataque ao povo europeu que, se não for combatida, acabará resultando na substituição racial e cultural completa do povo europeu.” (TARRANT, 2019, p.3, tradução nossa)¹⁶.

Tarrant (2019) repete o argumento citado por Breivik e pelos movimentos citados no Brasil: os muçulmanos reproduzem-se em uma taxa superior à dos Europeus, daí a ameaça que representam. Nas respostas que oferece (parte do livro está organizado como uma seção de perguntas e respostas) ao ser questionado sobre sua motivação, responde “Devemos garantir a existência de nosso povo e um futuro para as crianças brancas.” (TARRANT, 2019, p.7, tradução nossa)¹⁷ Essa defesa das crianças brancas não se aplica, obviamente, às crianças filhas dos imigrantes: mesmo essas deveriam ser executadas em prol das crianças brancas.

Filhos de invasores não permanecem crianças, elas se tornam adultos e se reproduzem, criando mais invasores para substituir seu povo. Eles crescem e votam contra os desejos de seu povo, pelos interesses de seu próprio povo e identidade.

¹⁴ Para a tradução de Dylan Thomans considerou-se aquela realizada por Rodrigo Suzuki Cintra (2013).

¹⁵ No original: *It's the birthrates. It's the birthrates. It's the birthrates.*

¹⁶ No original: *This crisis of mass immigration and sub-replacement fertility is an assault on the European people that, if not combated, will ultimately result in the complete racial and cultural replacement of the European people.*

¹⁷ No original: *We must ensure the existence of our people, and a future for white children.*

Eles crescem e tomam para si os potenciais lares de seu próprio povo, ocupam posições de poder, recolhem riquezas e destroem a confiança social. Qualquer invasor que você matar, de qualquer idade, é um inimigo a menos que seus filhos terão de enfrentar. Você prefere matar ou deixá-lo para seus filhos? Seus netos? (TARRANT, 2019, p.22, tradução nossa).¹⁸

Na perspectiva de Tarrant (2019), os muçulmanos, caso consigam chegar ao país de destino, devem ser exterminados, inclusive as crianças. São membros de uma etnia, nacionalidade e religião para as quais não se deve oferecer um tratamento humano.

Deste caso, interessa-nos apontar que a reverberação de ideias nacionalistas de extrema-direita ultrapassa países. Grupos anti-refugiados, anti-Islam e anti-muçulmanos encontram-se nas principais capitais dos países tidos como pertencentes à tradição ocidental judaico-cristã. A inospitabilidade é clara, o estímulo ao ódio e à paranoia também. É nesses espaços sociais que as minorias muçulmanas encontram-se, pressionadas por discursos contrários à sua presença na nação e até por ações de extermínio contra pessoas da sua religião.

A segunda década do século XXI nos apresenta esses eventos e suas consequências ainda estão por serem dimensionadas; todavia, é inegável que é de um conjunto semelhante de representações sobre o Islam e os muçulmanos que todos os exemplos citados se alimentam.

Conclusão

De acordo com Wendy Brown (2019), no neoliberalismo recente há uma confusão cada vez maior entre a liberdade de expressão e a liberdade de crença, além do repúdio à cidadania que a modernidade propunha. Tencionando essas liberdades de expressão, diferentes agentes sociais vão, cada vez mais, testando os limites públicos de seus discursos, incitando ao ódio e à prática de crimes escorados na liberdade de culto ou no combate ao politicamente correto. Nessa concepção, o espaço público nada mais é do que um espaço onde a opinião privada pode e deve ser exposta, impondo-se sobre os demais participantes desse espaço e pouco se importando com as consequências psicológicas e sociais desse tipo de presença discursiva e prática. Todavia, é preciso enxergar o aspecto construído desse preconceito:

¹⁸ No original: *Children of invaders do not stay children, they become adults and reproduce, creating more invaders to replace your people. They grow up and vote against your peoples own wishes, for the interests of their own people and identity. They grow up and take the potential homes of your own people for themselves, they occupy positions of power, remove wealth and destroy social trust. Any invader you kill, of any age, is one less enemy your children will have to face. Would you rather do the killing, or leave it to your children? Your grand children?*

O Capital é ideologicamente promíscuo – preparado para dominar qualquer cultura. Se os negros (como escravos africanos) e os judeus (como imigrantes europeus) foram o pesadelo dos supremacistas brancos do passado, o capital pode postular o marrom e o muçulmano como o “outro” contemporâneo e prosseguir com seu empreendimento de dividir e governar. (DABASHI, 2011, p.9, tradução nossa).¹⁹

Essas posturas encontrarão projeção na contemporaneidade pela internet, que se mostrou ferramenta paradigmática e de intenso impacto político (DA EMPOLI, 2019). Considerando-se os grupos anti-migração que usam argumentos anti-islâmicos, a internet é um espaço de disputa e de presença, onde os agentes sociais citados mobilizam seus correligionários em canais do YouTube, páginas de Facebook, contas do Twitter, usuários de Instagram: a mesma internet que possibilita a comunicação entre centros de pesquisa e geração de conhecimento científico permitirá que representações deletérias de pessoas sejam propagadas com agilidade, contribuindo para a construção da figura da não-pessoa ou da pessoa digna de ser violentada. Alimentam-se dessas e produzem essas representações. O quanto esses discursos e ações de ódio se retroalimentam no espaço virtual é um vetor da questão que carece de investigação.

É digno de nota que: 1) Breivik apele para que seu livro seja difundido pela internet; 2) o Movimento Direita São Paulo (atual Movimento Conservador) projete suas manifestações ao vivo na rede social Facebook; 3) o Pastor Tupirani e seus seguidores produzam vídeos para a plataforma YouTube; e que 4) o terrorista em Christchurch tenha utilizado de uma câmera *go-pro*, filmando em primeira pessoa sua ação enquanto a transmitia ao vivo em redes sociais. Brzuszkiewicz (2020) aponta que esse aspecto de espetacularização da violência é compartilhado tanto pelo autoproclamado Estado Islâmico quanto pelos terroristas da Noruega e da Nova Zelândia supra-citados: extremistas de direita ou membros da direita radical aproximam-se em estratégias e discursos aos extremistas islâmicos que afirmam combater. É uma fusão sinistra da pulsão de morte e do narcisismo (ZACARIAS, 2018) que se revela on-line.

O ódio e seus discursos não se contentam em se expressar nas palavras das pessoas: é preciso que ganhem o espaço virtual, que incitem outras pessoas ao ódio e que se tornem eternos em uma virtualidade que se apresenta como uma das principais formas de relação na contemporaneidade. Concordamos com Han (2017) ao apontar que conhecer o outro pessoalmente envolve certa dinâmica e que

¹⁹ No original: *Capital is ideologically promiscuous—prepared to dominate any culture. If blacks (as African slaves) and Jews (as European immigrants) were the white supremacists’ nightmare of yesteryear, capital can posit the brown and the Muslim as the contemporary “other” and proceed with its business of dividing and ruling.*

conhecer o outro pela internet implica em outra, reduzindo a alteridade, levando o Eros a agonizar por não encontrar no outro uma possível solução de continuidade para seu prazer. Se “a islamofobia segue circulando da internet às ruas brasileiras” (CAIXETA; CASTRO, 2020, p.12), o prognóstico é de que tal situação não mude tanto no que depender das formas políticas de (extrema-)direita populista que desafiam a democracia representativa.

A filósofa política Wendy Brown (2019) afirma que contemporaneamente a religião não é a base do dissenso político, mas instrumento do dissenso político das batalhas culturais que antecedem e alimentam as lutas sociais e políticas que visam: 1) promover o não-reconhecimento do diverso, do outro, das minorias, 2) conquistar a hegemonia cultural e política, e 3) reordenar a sociedade e a distribuição da renda, dos recursos e das oportunidades dentro do Estado nacional e na ordem global. No caso da Geração de Mártires e do Movimento Direita São Paulo, temos um acirramento do dissenso: a religiosidade é fonte de um conflito irreduzível, que só será encerrado com a anulação da parte opositora. No caso de Anders Breivik e de Brenton Tarrant, o dissenso é recusado: a religiosidade cristã é utilizada como justificativa não só para a anulação discursiva do outro, mas como justificativa para o extermínio do outro. Essas são posturas para a qual não encontramos outros qualificativos senão medieval ou fascista, dada as suas formas pré-direitos humanos e mesmo pré-iluministas de lidarem com a alteridade ou sua perspectiva cínica em negar a todos os humanos os direitos que reclamam para si.

Souza (2017) aponta que é significativo o número de agentes cristãos, independente da denominação, que produzem conteúdo destinado à internet com representações vilipendiadoras sobre os muçulmanos e a religião do Islam. A ênfase é variável, mas, enquanto síntese, os muçulmanos são vistos como inimigos da fé cristã, da civilização ocidental e da democracia: devem ser impedidos de continuar suas práticas, pois estariam em um erro que corrompe a alma. É a luta pela alma das pessoas, pela alma da nação, que podem ser as justificativas finais dos extremistas de direita e fundamentalistas religiosos.

O extremismo muitas vezes é identificado enquanto um elemento externo, algo que afeta o outro. Uma perspectiva como essa impede de contemplar que no cenário brasileiro contemporâneo encontram-se perspectivas extremistas, violentas, antidemocráticas, inconstitucionais e intolerantes, que se alimentam também daquilo que ocorre fora do Brasil. É relevante frisar que os muçulmanos constituem, em uma estimativa plausível e crítica aos dados do Censo de 2010 e embasada em observações de um antropólogo de campo, por volta de 100.000 a 200.000 fiéis no Brasil no ano de 2014 (PINTO, 2015, p.139, nota 1). Considerando-se que não ocorreram atentados terroristas motivados por extremistas muçulmanos no Brasil, tampouco que existam conflitos registrados como os que se observam na Síria ou Iêmen, qual a motivação de “denunciar” os muçulmanos senão tomar a religião do Islam enquanto

elemento retórico para o desprezo aos refugiados, enquanto bodes-expiatórios para problemas concretos? A resposta para essa questão parece estender-se para além dos limites de um artigo, mas tangencia o que Caixeta e Castro (2020) evidenciam: uma tradição xenofóbica nacional(ista) contra árabes e “maometanos”.

Por fim, indicamos que os eventos acima retratados nos levam a pensar se o conceito de islamofobia acaba sendo o mais adequado. Isso porque a ideia de “fobia” relaciona-se à uma perturbação mental, diagnosticada, e os exemplos citados nesse artigo relatam uma construção discursiva mais do que um problema de saúde mental; portanto, assim como o termo antissemitismo indica essa construção, passando pelos *Protocolos dos Sábios de Sião* até o neonazismo contemporâneo, acreditamos ser proveitoso considerar o termo islamofobismo, uma vez que aponta essa construção social em relação com o neoliberalismo (O’DONNELL, 2018). O’Donnell (2018) indica que as raízes do islamofobismo são o neoliberalismo: nesse esteio, encontra-se a pesquisa de Geddes (2016), que investigou como a *English Defence League* mobilizou britânicos contra muçulmanas e muçulmanos usando fóruns de internet e argumentação pró-neoliberais, e é nesse sentido que a investigação das posturas anti-Islam e anti-muçulmanos pode prosseguir, sem que se incorra em uma possível abordagem psicologista do fenômeno.

Agradecimentos

Ao professor João Carlos Zuin.

REFERÊNCIAS

ALLEN, Chris. **Islamophobia**. Farnham: Ashgate Publishing, 2011.

BERWICK, Andrew (a.k.a. Anders Behring Breivik). **2083: a European declaration of Independence**. [Sem cidade]: [sem editora], 2011. Disponível em: <https://libgen.lc/item/index.php?md5=77EF10201DE7CBAAE14BAE15A0E06787>. Acesso em: 25 fev. 2021.²⁰

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente**. São Paulo: Editoria Filosófica Politeia, 2019.

²⁰ Por tratar-se de um livro publicado em formato on-line e distribuído sob o mesmo formato, principalmente em círculos de extremistas de direita ou blogs, qualquer link de disponibilidade do arquivo poderá eventualmente ser corrompido. Portanto, o link indicado poderá estar inativo – o arquivo consultado possui 1518 (mil quinhentas e dezoito) páginas.

BROWN, Wendy. **Walled states, waning sovereignty**. Nova York: Zone Books, 2010.

BRZUSZKIEWICZ, Sara. Jihadism and Far-Right Extremism: shared attributes with regard to violence spectacularisation. **European View**, [S.L.], v. 19, n. 1, p.71-79, Abr. 2020. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1781685820915972>. Acesso em: 25 fev. 2021.

CAIXETA, Igor Gonçalves; CASTRO, Cristina Maria de. Islamofobia em Belo Horizonte e a transnacionalização do ódio. ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 44, 2020, [on-line]. **Anais**. Anpocs, 2020. p.1-20. Disponível em: <https://tinyurl.com/dkw46kpx>. Acesso em: 04 ago. 2021.

CASANOVA, José. Immigration and the New Religious Pluralism: a European Union / United States Comparison. *In.*: BANCHOFF, Thomas (ed.). **Democracy and the New Religious Pluralism**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2007. p.59-83.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede** (v.1 A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura). São Paulo: Paz e Terra, 2013.

CINTRA, Rodrigo Suzuki. Poema de Dylan Thomas – Tradução. **Zagaia**, 01 de abril de 2013. Disponível em <http://zagaiaemrevista.com.br/article/traducao-poema-de-dylan-thomas>. Acesso em: 19 ago. 2021.

CONIB (Confederação Israelita do Brasil). **Conib e Fierj entram com notícia crime contra pastor que prega o ódio aos judeus**. 2020. Disponível em: <https://www.conib.org.br/conib-e-fierj-entram-com-noticia-crime-contra-pastor-que-prega-o-odio-aos-judeus/>. Acesso em: 25 fev. 2021.

DA EMPOLI, Giuliano. **Os engenheiros do caos**. São Paulo: Vestígio, 2019.

DABASHI, Hamid. **Brown Skin, White Masks**. Londres: Pluto Press, 2011.

GEDDES, Gerham Edwards. **Keyboard Warriors: The Production of Islamophobic Identity and an Extreme Worldview within an Online Political Community**. Newcastle (Reino Unido): Cambridge Scholars Publishing, 2016.

GERAÇÃO DE MÁRTIRES. **PASSEATA (ESCOLA DE ASSASSINOS) (21 de Jul. de 2017)**. 2017. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/0B2DZ5skHz-dvSF9jT3FUQIV0NGs>. Acesso em: 25 fev. 2021.

GERAÇÃO DE MÁRTIRES. **PR TUPIRANI DESMASCARA A IGREJA UNIVERSAL**. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4nVFXQZ1HpA>. Acesso em: 25 fev. 2021.

GREEN, Todd H. **The Fear of Islam: an Introduction to Islamophobia in the West**. Minneapolis: Fortress Press, 2015.

HAN, Byung-Chul. **Agonia do Eros**. Petrópolis: Vozes, 2017.

HANEBRINK, Paul. **A specter haunting Europe: the myth of judeo-bolshevism**. Cambridge: Harvard University Press, 2018.

HEMMINGBY, Cato; BJØRGO, Tore. **The Dynamics of a Terrorist Targeting Process: Anders B. Breivik and the 22 July Attacks in Norway**. Londres: Palgrave Macmillan, 2016.

IOM – INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION). **World Migration Report 2020**. International Organization for Migration. 2019. Disponível em: https://publications.iom.int/system/files/pdf/wmr_2020.pdf. Acesso em: 25 fev. 2021.

LADO A. “**Tem que discriminar, sim!**”, diz pastor de Igreja Pentecostal sobre LGBTI+. 2019. Disponível em: <https://revistaladoa.com.br/2019/03/noticias/tem-que-discriminar-sim-diz-pastor-de-igreja-pentecostal-sobre-lgbti/>. Acesso em: 25 fev. 2021.

MACKLIN, Graham. The Christchurch Attacks: Livestream Terror in the Viral Video Age. **Combating Terrorism Center Sentinel**, [on-line], v. 12, n. 6, [s.p.], 2019. Disponível em: <https://ctc.usma.edu/christchurch-attacks-livestream-terror-viral-video-age/>. Acesso em: 25 fev. 2021.

MISHRA, Pankaj. **Age of anger: a History of Present**. Nova Iorque: Farrar, Straus and Giroux, 2017.

MOVIMENTO CONSERVADOR. **Marcha Contra a Lei de (i)Migração**. 2017a. Disponível em: <https://www.facebook.com/890723367698997/videos/1162326987205299/>. Acesso em: 25 fev. 2021.

MOVIMENTO CONSERVADOR. **Últimos acontecimentos na Marcha Contra a Lei da Imigração**. 2017b. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/live/?v=1162428897195108/>. Acesso em: 25 fev. 2021.

MOVIMENTO CONSERVADOR. **Ato da lei da imigração**. 2017c. Disponível em: <https://www.facebook.com/890723367698997/videos/1162345367203461/>. Acesso em: 25 fev. 2021.

O'DONNELL, S. Jonathon. Islamophobic conspiracionism and neoliberal subjectivity: the inassimilable society. **Patterns of Prejudice**, [on-line], v. 52, n. 1, p. 1-23, 2018. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/0031322X.2017.1414473>. Acesso em: 25 fev. 2021.

PINTO, Paulo G. Conversion, Revivalism, and Tradition: The Religious Dynamics of Muslim Communities in Brazil. In: NARBONA, María del Mar Logroño; PINTO, Paulo G.; KARAM, John Tofik (Ed.). **Crescent over Another Horizon: Islam in Latin America, the Caribbean, and Latino USA**. Austin: University of Texas Press, 2015. p.107-143.

SANTOS, Milton. O tempo nas cidades. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 54, n. 2, p. 21-22, 2002. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v54n2/14803.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2021.

SASSEN, Saskia. **Migranti, coloni, rifugiati**: Dall'emigrazione di massa alla fortezza Europa. Milão: Feltrinelli, 1999.

SOUZA, Felipe Freitas de. Islamofobias: caracterização das modalidades de preconceito contra o Islã e os muçulmanos. *In.*: CABRAL, Bruna Maques; ALBUQUERQUE; Bruno da Silveira; BRITO, Glaucia Ferreira Lima de. **Religião não se discute?** Diálogos entre religiões, política e história. Rio de Janeiro: Autografia, 2018. p.275-290.

SOUZA, Felipe Freitas de. A produção de discursos islamofóbicos online no Brasil: estudos exploratório dos agentes cristãos. SEMANA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 16, 2017, Araraquara. **Anais de Evento**. Araraquara: FCL-Unesp, 2017. p.2639-2655.

STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo**: a política do “nós” e “eles”. Porto Alegre: L&PM, 2020.

TARRANT, Brenton Harrison. **The Great Replacement**. [Sem cidade]: [Sem editor], 2019. Disponível em: https://www.ilfoglio.it/userUpload/The_Great_Replacementconvertito.pdf. Acesso em: 25 fev. 2021.²¹

ZACARIAS, Gabriel Ferreira. **No espelho do terror**: jihad e espetáculo. São Paulo: Elefante, 2018.

Submetido em: 14/03/2021

Aprovado em: 19/07/2021

Publicado em: 10/09/2021

²¹ Situação semelhante ao livro da nota anterior – o arquivo consultado possui 74 (setenta e quatro) páginas.